

PINHEIRO CHAGAS, A VERSATILIDADE DO CRONISTA NA REVISTA DA SEMANA¹

Prof^a Dr^a Jane Adriane Gandra
Universidade do Estado de Goiás (UEG)

RESUMO: Dentre as várias atividades literárias de que se ocupou Pinheiro Chagas, este ensaio pretendeu mostrar a sua versatilidade no folhetim-crônica. Embora algumas passagens ainda indiquem um tom melodramático, em sua maioria, a composição da *Revista da Semana* apresenta um jogo textual intrigante, na medida em que seu autor retira o mote para suas crônicas de gêneros textuais e discursos não convencionais à área literária.

PALAVRAS-CHAVE: Pinheiro Chagas; *Revista da Semana*; Crônica; Metacrônica;

ABSTRACT: Among the various literary activities that engaged Pinheiro Chagas, this paper intended to show his versatility in serial-chronic. Although some passages still indicate a melodramatic tone, mostly the composition of the *Revista da Semana* presents an interesting text, in that its author finds the theme for his chronicles of genres and unconventional speeches to the literary field.

KEYWORDS: Pinheiro Chagas; *Revista da Semana*; chronicle; metachronicle

A maneira como se organizam as histórias literárias é bastante questionável e, por vezes, injusta. A exclusão ou rebaixamento estético pode ocorrer não só com escritores considerados menores, mas também incide sobre os já consagrados, ao terem parte de seu espólio literário sombreado por suas obras clássicas. Um caso emblemático sobre o discutido é Machado de Assis que parece ser resumido, pela atenção e frisson revelados pelos incontáveis e recorrentes estudos literários, a dois de seus romances – *Dom*

¹ Este texto é parte integrante de uma pesquisa de pós-doutoramento intitulada, *A colaboração de Manuel Pinheiro Chagas na imprensa portuguesa no século XIX*, realizada em Portugal sob a supervisão do Prof. Dr. José Cândido de Oliveira Martins da Universidade Católica Portuguesa – UCP/Braga. Nesta investigação, pretendeu-se fazer o levantamento – a revisão bibliográfica de registro e de classificação das crônicas de Pinheiro Chagas publicadas no período de 1863-1895 – como forma de conhecer o processo de maturação autoral e apresentar os diversos temas de que se ocupou este polígrafo. Inicialmente, foi necessária a consulta em dicionários de pseudonímia, como o de Albino Lapa (1980), para verificar se havia outros codinomes utilizados por Chagas. É sabido que o uso excessivo de pseudônimos dificulta o conhecimento e o recolhimento do conjunto de escritos dos autores. Nesta obra particular, há a indicação de quatro nomes: Editor do Pará (em *Marquesa das Índias*); Margarida de...; Marinheiro (em *A descoberta da Índia contada por um marinheiro*); Máscara de Seda (em publicações no *Diário da Manhã*). Como se vê, Chagas também escreveu sob o uso de nomes femininos, como o Margarida de... e de Clotilde Z. Com este último nome, ele assinou duas ‘Crônicas de Modas’ na *Revista Contemporânea de Portugal e do Brasil* (04/1864 – pp.52-58; 109-112).

Casmurro e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Infelizmente, ficam, portanto, todas as outras publicações machadianas, principalmente suas crônicas e os romances da primeira fase, numa zona de silenciamento.

Outro autor, Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895), embora não seja considerado nenhum Machado português, passa pela mesma problemática. Certamente sua situação é duplamente menos favorável que a do autor de *A mão e a luva*, pois o que se conhece de sua história literária é a versão propalada pelos seus desafetos, transferindo uma imagem retrógrada a tudo que ele publicou.

Apesar de Pinheiro Chagas ter sido um importante polígrafo lisbonense de Oitocentos, pouco ou quase nada sabe o leitor comum e parte da crítica especializada de hoje sobre esta célebre individualidade literária. Para se ter uma ideia, ele pertenceu à mesma geração etária e, porque não dizer, intelectual (salvo diferenças de escola e de estilo) de notáveis nomes da literatura portuguesa do século XIX² – como Antero de Quental, Eça de Queirós e Teófilo Braga.

Típico escritor romântico e de defensor incansável dos preceitos do Romantismo, Chagas optou pelo romance histórico para refletir sobre o caso português, no momento em que o Realismo se firmava em Portugal. É claro que quem lê os seus romances históricos ou mesmo os romances citadinos irá se deparar certamente com o tom melodramático em alguns trechos. Mas outras peculiaridades interessantes podem ser ressaltadas em suas obras, como o humor romântico, a desromantização de vultos históricos, o jogo cinético e a plasticidade de muitas cenas, que se aproximam ao gênero teatral.

Outro ponto a se destacar sobre este autor português é o fato de seu espírito inquieto aliado à erudição ter criado uma vastíssima e vertiginosa biblioteca sobre o século XIX. Para esta questão, alguns de seus contemporâneos, só para citar Cristovam de Sá e Maria Amália Vaz de Carvalho, nos dão conta de seu *talento fecundo e impulsivo*.

² Na tese, *Pinheiro Chagas, um escritor olvidado*, discutimos que desde o seu primeiro romance, *A virgem Guaraciaba* (1866), Pinheiro Chagas examina a questão colonial, alertando para os equívocos dos monarcas portugueses em relação à aliança luso-britânica. Nesta perspectiva, este escritor poderia ser incluído no grupo de intelectuais que discutiram a decadência portuguesa e anteciparam o *Ultimatum* como uma consequência inevitável.

Pinheiro Chagas não escreve, vomita livros, dramas, comédias, artigos, folhetins, poemas, traduções, originais, e lê, e lê, e lê sempre, e lê muito, e lê tudo! Os dias para este talento fenomenal tem mais de vinte quatro horas por força; ou ele lê enquanto escreve, e escreve e lê enquanto dorme, enquanto passeia, enquanto se alimenta, enquanto trata de assuntos políticos, enquanto visita os seus eleitores, enquanto deles recebe as mais estrondosas e brilhantes demonstrações de simpatia.³

[...] começando assim essa vida de trabalho esmagador, múltiplo, incessante, que ainda hoje assombra como um prodígio de vontade e de talentos que lhe calculam a quantidade extraordinária.

Folhetins, contos, romances, artigos de crítica, impressões de paisagens, dramas, artigos políticos, saíam simultaneamente da pena infatigável de Pinheiro Chagas, cujo nome se espalhou por todo o país como o de um escritor de tanta abundância, de tanta facilidade, de tão variadas aptidões, como raramente se tinha visto entre nós.⁴

Fatalmente, sua atuação diária na imprensa portuguesa contribuiu para transformá-lo em uma celebridade, pois todos liam com bastante avidez o que Pinheiro Chagas escrevia. Entretanto, muitos destes escritos não foram recolhidos em livros e se encontram dispersos em variados periódicos e revistas literárias⁵, silenciando mais uma versão da história cultural e literária deste período.

A estreia de Chagas no jornalismo se deu por volta de 1863 na *Gazeta de Portugal*⁶ e o *Jornal do comércio* o promoveu tempos depois a uma popularidade mais ampla. Dividiu, ou melhor, disputou o folhetim com nomes já consagrados no gênero como os de Lopes de Mendonça, António Feliciano de Castilho e Júlio César Machado. Por mais de trinta anos de colaboração diária, ele conseguiu reuniu um número superior a 40 títulos de periódicos pertencentes a Portugal e ao Brasil.

³ Cristovam de SÁ, 1873, p.1

⁴ Maria Amália Vaz de CARVALHO, 1906, p.128.

⁵ O *corpus* de uma pesquisa que envolva o trato com jornais e revistas literárias, independentes de qual época que se ocupe, aponta sempre para variadas possibilidades acerca do exercício autoral, além de (re) significar a história contada nessas publicações periódicas. Nos dias atuais, embora o leitor possa ter acesso a muitos títulos em série pela *Hemeroteca digital* das Bibliotecas Nacionais de Portugal e do Brasil, muitos destes periódicos de setecentos e oitocentos estão em precárias condições, não sendo permitida a sua consulta.

⁶ Periódico dirigido por A. A. Teixeira de Vasconcelos, com tiragem diária, tendo como colaboradores: Pinheiro Chagas; Luiz de Malafaia, Mariano de Carvalho e A. Osório de Vasconcelos. O jornal disponibilizava ao público notas de destaque social, obituários, proclamas de casamento, informações meteorológicas, utilidade social, anúncios de concertos, peças teatrais, publicação de livros e suas vendas, publicação de cartas acerca de lançamentos de livros e cuidava de outros temas gerais. Além disso, tempos depois, abriram-se seções específicas para assuntos políticos e literários, colocadas estrategicamente ao lado da seção policial e de variedades.

Depois de reunir, registrar e catalogar os dezessete tipos de publicações de Chagas no folhetim⁷, optamos pelo recorte da crônica, gênero que acaba por ser inscrito pelo seu autor sob seis classificações: *Revista da Semana*, Crônica de atualidades; Crônica Histórica; Crônica de Modas, Crônica Crítica Literária e Crônica Parlamentar ou política⁸. Contudo, neste artigo nos ocuparemos apenas da *Revista da semana*, seção publicada semanalmente na parte baixa⁹ do jornal da *Gazeta de Portugal* (1862-1868) durante os anos de 1863 e 1864.

Ao final da recolha de toda publicação disponível nos jornais e revistas que tivemos acesso, conseguimos organizar a reunião de mais de uma centena de crônicas. Já por este número, fica claro que este gênero, antes mesmo dos romances históricos, foi aquele que Chagas mais à vontade se sentiu. Talvez seja porque o texto cronístico se destaque dos outros pelo estilo simples de narrar, pelo seu caráter sintético, realístico e urgente da escrita, bem como pelo tom lírico-reflexivo que se dá acerca dos acontecimentos atuais.

1. O folhetim- crônica, um laboratório ficcional

Embora o termo folhetinista possa conter uma conotação de rebaixamento para a condição de autoria, Ernesto Rodrigues (1988) adverte-nos para a importância do folhetim na gênese e consolidação do romance português. Isto quer dizer que, em sua maioria, os escritores portugueses, como ocorreu com Eça de Queiroz, descobriram-se e progrediram literariamente com o *incontornável folhetim*¹⁰. O mesmo parece se confirmar com Pinheiro Chagas que percebe o folhetim como lugares de formação, de experimentação ficcional e de consagração do escritor¹¹.

⁷ Na catalogação, procuramos respeitar a denominação dada pelo autor. Ao final, o espólio folhetinesco de Pinheiro Chagas se divide em Artigos Históricos; Conto ; Crônica de Atualidades; Conto Fantástico; Crônica Histórica; Crônica de Modas; Crônica Parlamentar; Crônica Crítica Literária, Discurso; Estudo Biográfico; Folhetim de viagem; Novela; Novela Histórica; Poema (Tradução); Romance citadino; Romance Histórico; Romance (Tradução).

⁸ Ver Ernesto RODRIGUES, 1998, p.290. Foi um tipo de folhetim prioritariamente elaborado por Pinheiro Chagas. Maria Amália Vaz de Carvalho em *Ao correr do tempo* ressalta a criatividade e humor presentes nestes escritos.

⁹ O folhetim era publicado no rodapé do jornal, numa mesma disposição gráfica, que possibilitava ao leitor recortá-lo e colecioná-lo em forma de caderno.

¹⁰ Ver RODRIGUES, 1998, p.131

¹¹ Embora haja alguns folhetins-crônicas de Chagas firmados com pseudônimos; parece que a maior parte dos escritos levam bem impressos uma assinatura regular nas formas de M. Pinheiro Chagas; Pinheiro

Esta notoriedade almejada e atingida pode ser confirmada pelas notas de chamadas com que deparamos em alguns jornais sobre a publicação de artigos ou crônicas de Chagas para a edição do dia seguinte. Ernesto Rodrigues ressalta que as “[...] revistas semanais de Pinheiro Chagas na *Gazeta de Portugal* mostram como, fazendo das tripas coração, o folhetinista agarra restos, dando assim, o outro lado do país e suas gentes”¹²

A *Revista da Semana* é um texto jornalístico opinativo, que alterna informações da atualidade com uma narração literária essencialmente cômica e irônica. É importante ressaltar que mesmo nos primeiros textos do jovem folhetinista, já se percebe uma linguagem clara e fluente, pontuada pelo uso de *frase espirituosa e pelo sarcasmo fino*¹³, bem como advertências sobre a ligeireza do gênero:

Em todo o caso eu não podia ocupar-me durante um folhetim inteiro, dos vôos do célebre artista [em referência a Thomas Price e o seu show de ginastas e acrobatas que, para Chagas, pareciam ser os únicos a conseguir prender a atenção do público lisboeta]. São tão rápidos, que me vejo obrigado a consagrar-lhes apenas algumas linhas, sob pena de os não poder acompanhar.¹⁴

Já na disposição textual da sua crônica, sempre iniciada por um sumário do programa do seu folhetim, Pinheiro Chagas parece tentar singularizá-la diante das crônicas de outros folhetinistas. Sob variados e inusitados assuntos, a maioria de suas discussões gira em torno da apresentação e crítica de títulos de obras e representações teatrais; ao revide sobre o discurso de alguma pessoa ilustre (folhetinistas de outro periódico ou políticos) ou em resposta aos assinantes do jornal.

Na estrutura e organização textual dos primeiros folhetins-crônicas em 1863, constatamos que os títulos são mais literais e o folhetinista parece seguir rigorosamente o programa, ficando muito preso aos resumos de peças e obras, pois chega a narrar episódios integrais das mesmas. Apresenta ainda a ausência de domínio na transição entre os assuntos. A crítica literária que elabora apresenta recorrentemente expressões melodiosamente românticas,

Chagas; P. Chagas. Isso demonstra que havia um objetivo claro de se tornar conhecido e familiar junto ao público.

¹² RODRIGUES, 1998, p.241

¹³ CHAGAS, *Revista da Semana* n° 248 de 23/08/1863.

¹⁴ CHAGAS, *Revista da Semana* n° 314 de 29/11/1863.

como “de canto de rouxinol”, “flores da poesia”. Os parágrafos são mais longos e explicativos, há pouca digressão, aspecto que comprova a pouca intimidade com o gênero. Na crônica de abertura, datada em 23.08.1863, em tom confessional sentencia: “ Há uma coisa muito mais difícil do que fazer folhetins – é ser folhetinista, e há uma coisa mais difícil do que ser folhetinista – é principiar a sê-lo”.¹⁵ Além disso, neste texto, o leitor pode se surpreender com um interessante histórico sobre o folhetim, em que são elencados importantes nomes que ajudaram na consolidação desta arte em âmbito nacional e mundial. Para cada um desses homens notáveis, dedica um epíteto ou frase de efeito, que dão o tom de suas atuações na imprensa folhetinesca.

Por isso, que de amores ela tem espalhado por essa terra abençoada, onde as grandes inteligências que brotam espontâneas não são esterilizada à nascença pelo sopro da desanimação! E sem falar nos seus prediletos Janin e Gautier, que de sorrisos, que de afagos a Mèry, o paradoxal, a Alphonse Karr, o sarcástico, a Júlio Lecomte, o elegante conversador de sala, a Paulo de Saint-Victor, a Henrique de Péne, a Xavier Freynet, e sobretudo, antes que a morte a interrompesse, a madame de Giradim que, para melhor a seduzir, se disfarçara com o pseudônimo de visconde de Delaunay. Quem resistiria com efeito à temível sedução do visconde encantador das louras tranças!¹⁶

Depreendemos depois da análise de todo acervo que, à medida que escrevia, dando volume ao arquivo de publicações das *Revistas da Semana*, houve uma evolução do cronista. Tanto assim que experimenta e demonstra no próprio exercício de composição o caráter híbrido que a crônica comporta. Daí ser irreverente a maior parte das escolhas que faz para o mote de seu folhetim, que surge desde notícias aparentemente corriqueiras ou insípidas até aquelas advindas de gêneros textuais inusitados – como o discurso de um parlamentar¹⁷, a carta condenatória de uma leitora dirigida à redação do jornal, um *mísero cartaz* encontrado na rua ou um telegrama com mensagem truncada vindo do Porto¹⁸. Contudo, engana-se o leitor, ao considerar que este texto, feito às margens da inconstância de novidades, seja frívolo! A defesa do cronista de que o folhetim advém da frivolidade é sempre um engodo do cronista que, abusando de sua versatilidade de artista, prefere o desafio de

¹⁵ CHAGAS, *Revista da Semana* n° 248 de 23/08/1863

¹⁶ Idem. Para os nomes portugueses – e aqui citamos Antonio Serpa, Latino Coelho, Silva Túlio, Lopes de Mendonça e Júlio César Machado – dedica um espaço maior para ressaltar as suas façanhas na arte folhetinesca.

¹⁷ Ver CHAGAS, *Revista da Semana* n° 403 de 20/03/1864.

¹⁸ Ver CHAGAS, *Revista da Semana* n°490 de 10/07/1864.

versar sobre “reflexões sérias [a partir de] assuntos frívolos [...]”¹⁹ Portanto, ainda que a esterilidade de notícias seja falsamente reclamada recorrentemente, ela é providencial para que o cronista ganhe mais autonomia na criação, mais liberdade de invenção no folhetim.

Nesta esterilidade de notícias o que há de fazer um folhetinista? Se ao menos Deus, compadecendo-se do pobre escritor, lhe mandasse um sonho, como o que mandou a Faraó (que não lho merecia) ainda isto seria suportável! (a ausência de assunto é oportuna para dar mais autonomia autoral. Não esquecer que o autor da crônica está diante de uma contradição do relato do fato real e da invenção da ficção. Estas duas instâncias narrativas devem aceitá-las e, por conseguinte, tentar conciliá-las. Por exemplo: No sábado passado sonhava eu com uma vaca nutrida, seguida por outra magra, indício seguro de ser a semana seguinte fértil em novidades, e a outra esterilíssima. Eu o que fazia? Empregava o meu criado Ildefonso, e reservava para esta semana a sra. Delfina, e o Sr. Theodorico. Deste modo não tinha que me lamentar do que hoje me sucede.²⁰

Em relação aos desfechos de cada folhetim-crônica, habitualmente ele finaliza com frases de efeito ou metafóricas, ora também com um convite à leitura do folheto da próxima semana ou simplesmente termina recomendando a leitura de um livro ou um espetáculo em cartaz, como aparece no fragmento que destacamos a seguir.

Queria falar-lhe nos *Espectros Luminosos* do circo de Price, mas falta-me espaço. Fica para a semana. Contudo, não finalizarei sem recomendar aos leitores o melodrama da boa época, um melodrama em regra, um melodrama enfim, que satisfaz a todas as condições deste gênero de escritos, porque é sumamente divertido²¹.

Em outras oportunidades, o remate do texto ocorre com uma digressão anedótica, geralmente troçando da ingenuidade do leitor. Numa dessas passagens, é narrada a história de um judeu bilionário chamado Rothschild, que quando todos esperavam que ele fizesse um ato de filantropia, ele joga na loteria e, por ironia do destino, ganha o primeiro prêmio.

E já que falamos em judeus, deixem-me contar-lhes uma anedota de Rotschil, que está a estas horas escandalizando a Europa. Todos conhecem este nome. Este vulto financeiro faz a todos o efeito de um monte de ouro com um barrete farisaico em cima. Sabem que é barão, como se lhe não bastasse ser judeu. Sabem que esse homem domina todos os tronos empoleirado em cima dos seus cofres. Lembram-se que este sujeito queria comprar a Palestina, formar de novo um reino judaico, donde seriam exilados todos

¹⁹ CHAGAS, *Revista da Semana* n° 346 de 10/01/1864.

²⁰ CHAGAS, *Revista da Semana*, n° 272 de 11/10/1863.

²¹ CHAGAS, *Revista da Semana*, n° 357 de 24/01/1864.

aqueles que não provassem triunfantemente que tinham esfolado o seu semelhante.

Conhecem-no? Não é assim?

Monte Cristo da realidade, este homem tem ofuscado com a sua riqueza verdadeira a opulência imaginária do herói de Alexandre Dumas. Sabem que isto não é fácil, porque o escritor francês pagou ao filho da sua imaginação as dívidas que tem contraído durante toda a sua vida. Sabem que recebeu há pouco tempo num palácio Napoleão III com tal magnificência, que deslumbrou o próprio imperador. Sabem isso? Não?

Nenhum dos meus leitores provavelmente, numa dessas ocasiões em que o ar toma posse das algibeiras sem encontrar um único obstáculo, deixou de murmurar, ao meter-se na cama, depois de ter revolido todos os bolsos, a seguinte melancólica exclamação: "Se eu fosse Rothschild!"

E provável que, depois de terem dito isto, soltassem um suspiro, se virassem para o outro lado, adormecessem e sonhassem que estavam a cair peças de ouro do texto; e que se tinha formado um repuxo de libras no meio do quarto.

Ora bom! adivinhem o que fez este Plutus moderno, este colosso monetário, este Titão, que podia chegar ao Olimpo, se em vez de por o Pelion em cima do Ossa, fizesse um monte de ouro que possui, este arbitro dos destinos financeiros da Europa, que pode comprar dez províncias e dez mil consciências. Adivinhem. [...] Vamos a ver.

Fundou talvez um asilo gigante? Enganam-se, este senhor não é, proporcionalmente, das pessoas que despendem mais dinheiro em esmolas. Encomendou algum quadro magnífico a algum artista ignorado? Nada. O barão Rothschild tem a vaidade, mas não tem o gosto das artes. Mandou fazer alguma Leviathan? Construiu algum palácio maravilhoso? Converteu-se ao cristianismo? Mandou queimar alguma floresta imensa para obsequiar algum amigo seu, mostrando-lhe um fogo de artifício? Enganam-se, enganam-se redondamente.

Eu lhes digo. O Sr. Barão judeu, o possuidor da maior riqueza europeia, e talvez universal, o primeiro banqueiro do mundo, Rothschild enfim.... entrou numa loteria, e apanhou a sorte grande.²²

Vale dizer que estes entretchicos cômicos tornaram-se mais usuais a partir das crônicas publicadas em 1864, obviamente motivados pela tumultuosa *Questão Coimbrã*. Alargando, portanto, a constatação de que não só os opúsculos, as cartas publicadas no jornal, os prefácios de livros, mas inclusive os folhetins-crônica foram veículos para se discutir e polemizar sobre as divergências literárias e, mais mesquinamente, as pessoais. Nos textos cronísticos deste período, Pinheiro Chagas arquiteta alcunhas para os adversários de escola, particularmente Teófilo Braga e Antero de Quental, designando-os de *campanudos*, *campanólogos* de *chapéu armado*. Na crônica da edição nº 514, há uma indicação clara à escola realista quando, ao apresentar uma discussão em torno dos três tipos de cartazes: o ingênuo, o

²² CHAGAS, *Revista da Semana*, nº 314 de 29/11/1863.

acadêmico e o fantasioso, destina este último ao tipo de poesia que praticavam os integrantes da *nova geração*.

O cartaz fantasioso é o cartaz dos touros. Corresponde aos livros de estilo transcendental, escritos por alguns notáveis e talentosos clássicos do nosso tempo. Igual desprezo votado ao senso comum, iguais tendências para o sublime (leia-se disparate), igual culto prestado ao absurdo, igual adoração ao ininteligível. E contudo veja-se como são diferentes os destinos de obras que os deveriam ter idênticos? *Habent sua fata libelli*. Os mesmos que admiram o estilo desses escritores gigantes, cuja cabeça toca nuvens, motivo porque lhe saem tão nebulosos pensamentos, consagram o mais solene desprezo aos pobres cartazes, que tem só contra si o dizerem menos tolices... porque são mais pequeno. Coitados, não é culpa deles. Se houvesse um editor que reunisse aquelas poesias em volume debaixo do título de *Rapsódias tauromáquinas*, havia de obter um grande e legítimo sucesso.²³

2. Os elementos metacronísticos na Revista da Semana

A expressiva quantidade de digressões em torno do fazer literário nas crônicas de Pinheiro Chagas não é nenhuma inovação sua, muito menos de algum folhetinista contemporâneo seu. Esta reflexão particular sobre a produção autoral – desde a arte de escrever, passando pela editoração até chegar à estética da recepção – parece-nos mais uma evidente tentativa de Chagas de imprimir ou assinar o texto por meio do seu estilo. Assim, ao evidenciar a maneira como escreve estaria atestando para si os créditos de sua composição, mesmo que a publicação viesse sem a sua assinatura regular. Reparemos que Chagas chega a sumariar as exigências do gênero em uma de suas crônicas.

Fulminem-me embora os raios de censura literária, sustento o que disse: a *Arte de amar* é um poema-folhetim. O *tratar um assunto frívolo com modos graciosamente pedagógicos* (não é frívolo amar, é frívolo ensiná-lo; Ovídio bem sabia que o amor só regras procura o coração, ou no capricho sensual), *entrelaçar das observações chistosas com as expansões líricas, as digressões anedóticas, o paradoxo engraçado e sustentado com a gravidade mais cômica, a ligeireza do estilo, a habilidade das transições*, tudo enfim o que dá amenidade e encanto ao gênero folhetinesco, tudo se encontra neste bonito poema.²⁴

²³ CHAGAS, *Revista da Semana*, nº514 de 07/08/1864.

²⁴ CHAGAS, *Revista da Semana*, nº 284 de 23/10/1863. Grifo nosso.

Em outro momento, a questão da hibridez do gênero é ilustrada e comprovada no próprio corpo da crônica. O folhetim então passa a ser um tribunal, cuja acusação era a má atuação da peça *O profeta*, o leitor reconhecido na instância do júri e o folhetinista atuando na função de advogado de defesa. Como não podia deixar de ser, a linguagem poética utilizada abusa dos termos policiais e jurídicos.

Não acusem sem razão! Não sejam levianos nas suas apreciações! Não se fiem unicamente nas informações que lhes pudessem dar os seus ouvidos irritados! Não avaliem os fatos só por si, sem terem primeiro pesado maduramente as considerações que os poderiam motivar. Se não querem ser *juízes iníquos*, e lavrar à pressa uma *sentença condenatória*, depois de terem ouvido as queixas do seu tímpano que é neste processo lírico *o delegado do ministério público, leiam o meu folhetim, que é o discurso do advogado do réu.*

Vejamos o primeiro crime.

Não o neguemos, ele existe indubitavelmente. Terça feira à noite, no palco do teatro de S. Carlos, na presença de inúmeros espectadores, uma companhia de *facínoras musicais trucidou* despidosamente um dos filhos queridos do maestro Meyerber, por apelido *Profeta*, e não se contentando de *apunhalar* simplesmente saboreou a sua agonia, prolongando-lhe as torturas de um modo que a simples narração desse fato enche de horror os corações verdadeiramente humanitários.

Abundam *testemunhas de acusação*; de defesa não aparece uma só. *O crime está provado, resta apenas pronunciar a sentença; e, como esta há de ser lavrada no supremo tribunal da opinião pública*, nem aos culpados fica a esperança da apelação. Suspendam, senhores, não pronunciem sem me ouvir.

Como eu não sou advogado de profissão tenciono defender os réus no meu discurso.

[...]

Infelizmente, ninguém, antes de mim, fizera estas observações desapaixonadas, e todos, encarando os acontecimentos pelo prisma das suas prevenções, apreciaram indevidamente as circunstâncias mais naturais.²⁵

Como na citação acima, a voz narrativa assume um discurso de autoridade, mesmo que ele se apresente como inapto à empresa. Essas falácias servem, na verdade, para engrandecer e ratificar a condição de *magister* do autor, que se vê como um canal para elevar a cultura do leitor. Em outro trecho, o cronista, sem nenhuma modéstia, reafirma a sua posição de especialista em arte.

²⁵ CHAGAS, *Revista da Semana*, nº391 de 06/03/1864. Grifo nosso.

Já que falamos em quadros, mencionemos o quadro do Sr. Lupi. O leitor, que provavelmente já o admirou, prefere de certo a resenha de minhas impressões, uma apreciação técnica do quadro. Já sabe que gostou, agora deseja saber porque. Quer ter os documentos do seu entusiasmo.²⁶

Por outro lado, essas mesmas falácias visam absolver o autor de qualquer culpabilidade na publicação de assuntos pouco atraentes ao gosto do leitor, já que atualmente Lisboa é assolada por um *deserto de assunto*. O cronista não consegue esconder o seu enfado, a ironia, a ira e o rancor ao se dirigir ao leitor, que acaba sendo diretamente, no seu parecer, culpado de toda esterilidade de notícias.

Há semanas assim, semanas em que os assuntos abundam talvez, mas em que o folhetinista preferiria não ter um só! Semanas de água morna! Semanas em que o folhetinista não sentiu nem o entusiasmo, nem a indignação! Semanas em que aparecem comédias, que não fazem rir, dramas, que não fazem chorar, operas que não fazem gritar! Semanas em que tudo é insípido como uma sessão das câmaras sem episódios! Semanas sem grandes triunfos nem quedas estrondosas! Semanas que não permitem ao folhetim nem os períodos arrendados do panegírico, nem as frases incisivas da sátira! Semanas, cuja história dever ser escrita com uma tinta descorada como elas mesmas, e cuja a crônica é mais fastidiosa do que o *compte-rendu* de uma festividade nacional em vila da província, ainda quando esse *compte-rendu* vem adornado com um discurso do administrador, e com a letra do hino tocado em tão solene ocasião pela filarmônica da terra.²⁷

O leitor é uma instância importante na constituição da crônica, uma vez que o cronista quer mostrar que a interlocução com ele é imediata e intimista, uma típica conversa ao pé do ouvido. Por isso, não é nenhuma surpresa a presença de inúmeras representações que o leitor assume, indo desde o benevolente até o leitor desavisado.

Aproveito a ocasião de estarem os leitores de bom humor, para lhes pedir que me aturem duas palavras de explicação acerca do folhetim da semana passada. São muito massadoras as explicações parlamentares, as folhetinescas não o serão menos, mas hão de ser mais breves.²⁸

Em outro texto, o cronista, ao receber as censuras de uma assinante sobre o folhetim da edição anterior, dramatiza um diálogo com a suposta leitora, caracterizando-a de insensata. Este pequeno ensaio literário, enxertado no texto cronístico, ocupa duas colunas inteiras do folhetim:

²⁶ CHAGAS, *Revista da Semana*, nº 341 de 03/01/1864.

²⁷ CHAGAS, *Revista da Semana*, nº 379 de 21/02/1864.

²⁸ CHAGAS, *Revista da Semana*, nº302 de 15/11/1863.

- Mas então, interrompeu neste ponto uma leitora mal informada, que não tem lido os últimos jornais, não nos diz coisa algumas a respeito de S. Carlos? O teatro não se abriu?
- S. Carlos! Não me fale em tal, minha senhora, estou indignado! As operas a fazerem por si mesma oposição à empresa! Ensaia-se a *Norma*, e é a Norma em pessoa quem adoece, ensaia-se o *Trovador*, e é o próprio trovador quem dá parte de fraco!
- Mas que quer isso dizer?
- Isto quer dizer, minha senhora, o que o tenor e a prima-dona foram vítimas dos seus papeis, as sombras da sacerdotiza gauleza e do trovador espanhol, enfatiadas de comparecerem no palco de S. Carlos, fazem cair de cama os seus representantes musicais. Se v. exa. Embirra como baixo profundo, é pedir aos empresários que ensaiem o *Roberto do Diabo*, e se não gosta do barítono, é pedi-lhes que prometam o *Macbeth*.
- Mas então não há recurso?
- Há um só, minha senhora.
- Qual é?
- Encarregara senhora Cassano do papel de Norma, e o senhor Bruni do papel de Trovador; vamos a ver se a sombra da heroína de Romani, e a sombra de Manrique não saem elas mesmas do túmulo, e não vem cantar ao teatro para evitar profanação de tal ordem.
- Péssimo expediente, e que não dá muita honra à imaginação.
- Mas, minha senhora, eu não me gabei de ter imaginação. Pois v. exa. há de acreditar que ainda não inventei um único nome para o príncipe real! O meu criado já inventou dez, chegando a lisonjear-se com a doce esperança de ter no herdeiro do trono um homônimo, se por acaso receber o nome de Ildefonso, como ardentemente deseja o meu imaginoso servidor.
- Não há de ser tanto assim; é impossível que na ocasião em que todos discutem o nome mais ou menos provável, que receberá o príncipe real, não tenha também imaginado algum.
- Eu, minha senhora, confesso que tenho consagrado a essa meditação longas vigílias; surpreendendo-me às vezes a mim mesmo procurando achar essa incógnita; não me é possível! Mas agora prometo encerrar-me toda a semana, e duas semanas até, se for necessário, procurando resolver o tremendo problema, e no próximo folhetim ou no outro informarei a v. exa., se o batizado indiscreto me não roubar essa glória.²⁹

A maneira fiel como disponibilizamos o fragmento acima pretende demonstrar ao leitor como a presença do diálogo, os espaçamentos entre as falas, os pequenos entretuchos ficcionais encaixados na crônica ou, às vezes, a escrita integral de poemas³⁰ colaboram para que o escritor consiga atingir o número de linhas rigorosamente exigidas para a seção. Este tipo de

²⁹ CHAGAS, *Revista da Semana*, nº266 de 04/10/1863.

³⁰ Ver CHAGAS, *Revista da Semana*, nº 254 de 20/09/1863. Diversificando o método de apresentação de poemas ou trechos de obras, Chagas de maneira provocativa e brincalhona, ao incitar a curiosidade do leitor, pois oculta o nome do poeta, pede que se descubra a autoria, só disponibilizando trechos do poema: Querem saber quem é? Tenham paciência, mas não lho digo. [...] O meu folhetim há de ter hoje todo o interesse de um baile de máscaras, e todo o chiste de uma aventura. O leitor pode aplicar a sua perspicácia a adivinhar quem é o autor dos versos, que vai ler; a leitora pode imaginar que lhe são dirigidos. E o ramalhete anônimo, que mão desconhecida foi pousar de madrugada no parapeito da sua janela. Respire-lhe o perfume, mas não tente rasgar o véu misterioso que o encobre. É tão gracioso o mistério, é tão sedutor o desconhecido!. [...].[Apresenta o poema e depois diz] [...] É este o poeta; a inspiradora segredo de folhetim é sigilo de confissão.”

preocupação estaria ligado ao fator comercial da crônica, discutido por Sainte-Beuve em *Da Literatura Industrial*. Nessas considerações, o crítico ressalta que “o estilo alongou-se em todos os seus fios como os panos esticados. Há autores que já não escrevem os seus romances-folhetim senão em diálogo, porque a cada frase, às vezes a cada palavra, há espaço em branco e ganha-se uma linha.”³¹

Além dessas questões, é sabido que toda obra publicada é um produto feito a várias mãos, uma vez que a mesma sofre interferências de toda a espécie, seja durante a editoração, seja depois na estética da recepção. Em “Recordações de um Jornalista”, crônicas publicadas na *Ilustração Portuguesa*, dentre os vários episódios que narra, um se relaciona diretamente com a censura dos editores, que culminou juntamente com outro acontecimento de divergências ideológicas para o seu desligamento da *Gazeta de Portugal* em 1864.

Uma vez, Teixeira de Vasconcelos, num folhetim que eu escrevera a respeito da Noite de São João, achando que havia um trecho um pouquinho menos respeitador das crenças católicas, foi ao folhetim, e muito severamente, na minha ausência cortou esse trecho e substituiu-o por outro de sua lavra.³²

Não só os cortes dos editores aos textos dos folhetinistas são pontuados por Pinheiro Chagas, os erros dos tipógrafos também são alvos de reprovação.

Enquanto a lua no seu carro argênteo passeia, cismando tristemente pela azul imensidão, os tipógrafos, um tanto desdenhosos, nem se importam com ela nem lhe vão prestar a devida adoração. Se por acaso algum deles sai da imprensa, caindo de sono, enquanto o astro da saudade campeia ainda no firmamento, olham de revês um para o outro, e se não fosse a distância o caso ia a sério. Imaginem por conseguinte a alegria destes senhores, quando na Revista de Semana, eu comecei, com a mais ingênua indiscrição, a trair os segredos das misteriosas conversações da pálida Divindade. Vingaram-se deveras, e, pondo vaidades em lugar de naiades malquistaram a pobre Deusa com as modestas ninfas das solidões de Cintra.³³

³¹ SAINTE-BEUVE, 1839, p.191.

³² Ver CHAGAS, *A Ilustração Portuguesa* nº40 a 48 de 1886. Pinheiro Chagas narra episódios da trajetória do folhetinista, comenta sobre a operacionalidade da imprensa naquela época e sobre a vida, às vezes, curta de muitos jornais portugueses.

³³ CHAGAS, *Revista da Semana*, nº 242 de 06/09/1863.

Resumindo, já por sua versatilidade estética e pela presença de um narrador irônico, que trata os temas contemporâneos sob um tom de humor refinado em sua *Revista da Semana*, Pinheiro Chagas merece ser lido e ter seus diversos gêneros analisados de maneira imparcial pela crítica. Particularmente aqui, a releitura deste espólio cronístico possibilitou-nos conhecer uma escritura curiosa e de leitura envolvente, apesar de ainda encontrarmos uma linguagem melodramática. Além disso, foi possível alargar a interpretação que se faz do Portugal de Oitocentos, agora pela ótica de um escritor, embora ativamente fecundo no seu tempo, em dias atuais relegado ao esquecimento.

Referências

- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Ao correr do tempo*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1906
- CHAGAS, Pinheiro. "Revista da Semana". In.: *Gazeta de Portugal*. Dir. A.A. Teixeira de Vasconcelos. Lisboa: Imprensa A.A.T.Vasconcelos, 1862-1868
- CHAGAS, Pinheiro. "Recordações de um jornalista". In.: *A Ilustração Portuguesa*. Revista Literária e Artística. Lisboa: Tipografia do Diário Ilustrado. 1884-1890.
- GANDRA, Jane Adriane. *Pinheiro Chagas, um escritor olvidado*. Tese de doutorado. FFLCH/USP, 2012, 209 p.
- LAPA, Albino. *Dicionários de pseudônimos*. Compilados por Maria Teresa Vidigal. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1980
- RODRIGUES, Ernesto. *Mágico folhetim*. Literatura e jornalismo em Portugal. Lisboa: Rolo & Filhos- Artes Gráficas Lda., 1998
- SÁ, Cristovam de. A máscara vermelha. In.: *Diário Ilustrado*, Lisboa: Imprensa de Souza Neves, 1873, p.1
- SAINTE-BEUVE. "Da Literatura Industrial". In.: *Literatura e Arquivo*. Remate de Males. Jul/dez, 2009, pp. 185-197

Jane Adriane Gandra doutorou-se em Letras pelo programa de Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo – USP em 2012. Em 2015, concluiu o pós-doutoramento em Literatura Portuguesa pela Universidade Católica Portuguesa (UCP-Braga/Portugal). Desde 2011, é professora efetiva da Universidade Estadual de Goiás – UEG, atuando no curso de licenciatura em Letras, principalmente nas áreas de Literaturas brasileira, portuguesa e inglesa. Durante a sua atuação docente, desenvolve pesquisas sobre autores lusófonos de Oitocentos, em destaque para os não-canônicos, e de autoria feminina, principalmente no que se refere à literatura mineira e goiana. É autora de capítulos de livros e artigos em revistas especializadas. E-mail: jaggandra@ig.com.br